

A ALMA NOVA

SEMANARIO REPUBLICANO ACADEMICO

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS



BRAGA, 20 DE ABRIL DE 1893

AOS NOSSOS CHEFES

Ha dois annos já que o paiz espera impacientemente um movimento decisivo, uma remodelação radical que lhe dê vida que lhe inocule um sangue novo.

Portugal tem vivido n'um *status-quo* de misérias e de viciadas regias no meio de uma pasmosa depressão moral das consciencias publicas que vae anniquilando vertiginosamente a vitalidade da nação sem honra e sem brios.

O estrangeiro mira-nos de soslaio afiando as garras para desferir a affronta.

Succedem-se os ministerios do rei uns apoz outros, o abismo continua insondavel a nossos pés, a bancarrota escancara a bocca infecta, a miséria alastrando sempre e a imigração roubando-nos os braços.

As falcattruas dos cofres publicos germinando impunemente, os impostos onerosos sobrecarregando tudo e o thesouro exausto.

Uma vida tristissima de escandalos e de roubos.

Se continuarmos assim, n'este indifferentismo atroz, amanhã ouviremos, de braços cruzados, n'uma attitudo estúpida de doidos larvados, os clarins da Europa notificando ao mundo inteiro que outros senhores mais civilizados virão colonisar este torrão selvagem.

E' o ultimo *festim* que uma dynastia gasta e pôdre marcará na historia d'um povo indolente.

Mas não, ainda ha no paiz quem queira e saiba arcar com as difficuldades, quem tenha dignidade e honra.

E' d'esses, que não macularam a sua consciencia pura nas falcattruas constitucionaes, que o povo espera tudo, é d'elles que a nação espera o seu rejuvenescimento social porque dos outros, dos velhos parasitas da monarchia, nada ha a esperar senão esbanjamentos e emprestimos.

Todavia uma corrente de justissima censura, engrossando dia a dia, vae envolvendo os nossos chefes, de quem o paiz aneia uma re-

solução definitiva e urgente, pela demora do momento decisivo.

Assim é impossivel continuar, o povo portuguez está plenamente predisposto para um systema digno e sabio que possa legitimar a Razão e a Justiça.

O medo lavra já indistinctamente em todos os arraiaes monarchicos.

Mãos á obra e não olhemos para traz.

Haja uma cabeça, duas ou tres que nos dirijam na lucta e nós caminharemos firmes com os olhos fitos no grande dia.

A victoria é certa, nada de tibiezas, marchemos para a frente.

Enthusiasmo.

Quem amarà a monarchia e odiará a Republica?

Só quem costuma dar as mãos para accellar aquillo que lhe não pertence.

R. B.

ÁVANTE

Dissemos no ultimo numero d'este jornal que a Religião e a Democracia seriam a substancia das nossas crenças, o alvo das nossas esperanças, as nossas aspirações todas.

Dissemol-o e repetimol-o.

Queremos a Religião e a Democracia uma como o meio mais facil e certo para a Moralidade dos povos, a outra como unico baluarte seguro para a manutenção da Justiça.

E Moralidade e Justiça... não são coisas vulgares e triviaes que se deparem por ahi em qualquer parte, não são a personificação do character, como devia ser, dos que nos governam, nem a estrada emfim, por onde Portugal caminha actualmente.

Moralidade e Justiça... essas entidades celestes que Deus estima, a Religião venera, e os homens admiram, essas ideias veneraveis e augustas que constituem a sublimi-

dade da Sciencia e da Virtude, esses archanjos tutelares cujos pés tocam nas consciencias dos bons, e os dedos de luz nas estrellas, só apparecerão n'um meio que as apprehenda e fomenta e lhes dê largas para a livre realisação de seus nobres fins.

E este meio é a Democracia.

E' a democracia, como o tem demonstrado até aqui, todas as theorias e observações e como se demonstrará para o futuro, pois n'ella convergem, actualmente todos os olhares.

Ora se a Democracia tem em vista tão nobre e alevantado fim, se a Democracia forceja salvar uma nação das derrocadas e cataclysmos que a ameaçam, se a Democracia o pede, quer e pode, porque razão havemos de obstar a realisação de tão util e necessario qual importante e humano fim?

Já é tempo de considerar n'isto já é tempo de ver que a Monarchia nos não salva, porque não pode, e já é tempo de levantarmos o grito da insurreição contra o absurdo systema que nos rege e contra esta gentilha que nos vai tirando, dia a dia, o pão e a honra.

Venha, pois, a Democracia!

Sejamos homens... e seremos Democratas.

As magestades pasceiam; os ministros esfolam-nos; os grandes divertem-se á nossa custa, e tu Zé Povo quando accorderás?

D. Maria Pia

Paris, 15:

«A rainha D. Maria Pia recebe hontem em Paris numerosas visitas entre outras a da Duquesa de Chartres do Embaixador de Italia snr. Bessma que tambem a fôra esperar á estação tambem a dos snrs. Emygdio Navarro Develle, ministro dos extrangeiros».

Consta que amanhã irão cumprimentar tambem sua magestade os credores extrangeiros.